“Tropa de Elite é osso duro de roer, pega um, pega geral, também vai pegar você”: os corpos da Tropa.

Liliany Samarão

Mestranda em Comunicação Social pela UERJ.

Trabalha corpo, gênero e publicidade. E-mail: lilianysamarao@gmail.com.

Fazer crítica a filmes no seu lançamento, ao meu ver, é demasiado perigoso. Uns fazem críticas ao assistir o filme uma única vez, outros, sem terem visto, penduram-se na opinião alheia e, assim, tecem seus comentários. Lemos quase sempre a mesma coisa. No caso de *Tropa de Elite* não foi diferente: leu-se sobre a fotografia do filme, sobre a direção, sobre o roteiro, sobre os atores e, claro, sobre as imagens que chegavam ao povo por meio da cópia ilegal. Parece que temos de comemorar os números: *Tropa* foi o filme brasileiro mais visto em 2007. Não sei mencionar números certos – e não é esse mesmo meu objetivo – mas alguns milhões foram perdidos para a indústria da cópia. Os milhões ganhos nos cinemas, segundo fontes dos jornais, ainda não pagaram o custo final do filme. O que acontece, no certo, é que a sociedade acaba ficando envolta por opiniões de especialistas, de curiosos, de oportunistas e assim vai. Por isso, esta visão sobre *Tropa* talvez seja diferente dos comentários já feitos até agora.

Sou pesquisadora e meu objeto de estudo é o corpo, suas transformações e como ele está inserido na sociedade. Ou melhor falando, nas sociedades, as muitas dentro de uma só, aquelas que embora diferentes formam a sociedade brasileira. Assim, *Tropa* se transformou em um curioso objeto de análise. Uma análise que aconteceu na primeira vez que assisti ao filme, mas que só se concretizou na segunda vez, quando atentei a detalhes perdidos da primeira vez.

É inegável o poder que um roteiro pode ter nas grandes telas do cinema. As dimensões da tela também têm seu carisma e, assim, a mágica acontece. Mas, é necessário apontar que *Tropa* não foi analisada no seu ponto mais alto: os confrontos. Não os confrontos armados, não os confrontos pessoais, não os confrontos contra o certo e o errado. Mas os confrontos entre os corpos dos personagens que habitam o roteiro: confrontos culturais, pessoais, sociais. Confrontos para além das críticas já feitas e leituras já percebidas até agora sobre o filme. A história diz mais do que o cotidiano dos policiais militares, suas tarefas, seus meios de burlar o sistema; diz mais do que o curso de formação de “caveiras” (como se chamam os policiais que fazem parte do BOPE), das humilhações que passam e dos perigos que enfrentam. Os confrontos revelam pedaços da sociedade, de como ela se comporta, de como ela é maquinada, do que ela é composta.

Tropa mostra corpos tão sujeitos ao meio e à cultura que acabam sendo o próprio enredo da história: é o corpo do policial militar, é o corpo do caveira (que são malhados e fortes), é o corpo do estudante, do “dono” do morro, dos moradores das favelas. São tantos corpos diferentes, em completa submissão, usando um termo de Foucault, pesquisador citado e “discutido” no filme, mas que em plena sujeição se comunicam e interagem. Um corpo “avança” no território alheio e é pelo outro reconhecido: quem não reconhece e distingue o corpo da estudante rica da PUC e da mulher da favela que foi à ONG pegar camisinha?

Numa das cenas do filme, estudantes da universidade apresentam seus trabalhos e discutem a obra de Foucault, *Vigiar e punir* (1989), mas a discussão não dá uma dimensão, ao meu ver, total da obra do sociólogo (até porque não é essa a intenção do filme): nessa mesma obra, além de instituições e poder, Foucault também discute o corpo. Como exemplo, cita o corpo do prisioneiro e como ele é submetido às regras e disciplinas. Para Foucault surge o corpo dócil, um corpo encontrado na sociedade, seja ele o corpo do prisioneiro, do policial ou do cidadão comum. A docilidade do corpo está no modo como sua postura, sua utilidade e sua funcionalidade são submetidas à disciplina, tornando o corpo, assim, um corpo dócil. Para Foucault “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transmitido e aperfeiçoado” (op. cit., p.125).

Desse modo, vários corpos dóceis podem ser vistos e entendidos em *Tropa*: o corpo do policial Fábio é diferente do corpo do “aspira” Neto que, por sua vez, é diferente do corpo do “aspira” Matias, mesmo quando Neto e Matias, no curso do BOPE, são submetidos às regras do também docilizado capitão Nascimento.

134

Os corpos dos alunos da faculdade também são dóceis. A cena que mostra todos na sala de aula, discutindo Foucault, mostra isso: estão todos sentados, enfileirados, à frente do professor, com seus corpos submetidos às disciplinas impostas a todos os alunos. No pátio da faculdade, mesmo longe da disciplina da sala de aula, os alunos de classe A são facilmente diferenciáveis das pessoas que aparecem na recreação proporcionada pela ONG que está instalada no morro. Aqui, uma questão crucial aparece: a docilização dos corpos acontece em referência ao meio aos quais as pessoas estão inseridas, ou seja, a cultura de cada grupo da sociedade decide como a submissão dos corpos vai acontecer (MAUSS, 1974).

Por isso, os corpos dos estudantes na festa da faculdade são diferentes dos corpos dos moradores do morro no baile *funk* que anima os minutos iniciais do filme. O meio no qual está inserido dociliza os corpos de todos na sociedade. O corpo é uma forma de expressão plena de intencionalidade e poder significação, como diria Merleau-Ponty (1971). *Tropa* utiliza – talvez sem saber - dessa intencionalidade e dessa significação e trabalha o corpo de forma que ele transmita algum tipo de sentido, por meio de seus movimentos, ao receptor. Assim, o meio a que o indivíduo está inserido faz toda e qualquer diferença em relação ao corpo que está inserido em outra “realidade” cultural.

É importante frisar que os corpos de *Tropa* são, assim como qualquer outro corpo, segundo Denise Siqueira (2006), objetos de reconstrução cultural e social e, por isso, “moldados” para um fim específico, nem que esse fim seja

artifício de inclusão dos indivíduos aos seus pares. São corpos transformados em elementos culturalmente submetidos. Para Siqueira “culturalmente o corpo é símbolo e signo, portador de mensagens, de atos físicos e psíquicos. Como produto social e paradigma de práticas culturais, nele a sociedade constrói significados e espelha-se” (op. cit. p.59). É importante essa percepção aberta do indivíduo e de como seu corpo está inserido nesse processo, possibilitando leituras diversas e múltiplas conexões com a cultura.

Há, certamente, muitos meios de se ‘escrever’ a cultura da sociedade contemporânea. Talvez a melhor delas seja com a arte, no caso deste ensaio, o cinema. *Tropa* é um diálogo corporal – e porque não emocional – das muitas camadas sociais encontradas na sociedade. Talvez nesse sentido, em meio a uma metrópole globalizada e em constante mudança, que o corpo – também em constante mudança, vai ser representado, disciplinado, docilizado e inserido no cotidiano da sociedade. Sociedade essa que, submetida culturalmente, continuará a ser alvo de observação: seja por meio do cinema, seja por meio da TV ou de qualquer outra forma de análise disponível e legitimamente inserida no nosso meio.

135

E assim, *Tropa de Elite* chegou à elite do cinema nacional. Pelo sim, pelo não, assista. Afinal, como diz a música do início: “pega um, pega geral, também vai pegar você”.

Referências Bibliográficas:

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1989.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena*. Campinas: Autores Associados, 2006.